

## NELSON MOTTA

## Nos olhos de quem vê

Assim como a beleza, a obscenidade e a perversão estão nos olhos, e na cabeça, de quem as vê nos atos mais inocentes e naturais.

No Colégio Santo Inácio, eu e o amigo Miguel Faria tínhamos 14 anos e éramos loucos por cavalos. Vivíamos no Jockey, sabíamos filiações, retrospectos, jóqueis e treinadores, matávamos aula para ir às corridas e jogávamos até o dinheiro que as mães

nos davam para o lanche. Um dia, os padres descobriram as fugas, e nossos pais foram chamados ao colégio e, diante deles, fomos acusados pelo padre de ir ao Jockey, não para jogar, mas para ver os cavalos trepando. O perverso sequer sabia a diferença entre um hipódromo e um haras, só pensava naquilo.

Uma noite, no Caneção, estava com minha filha Joana, uma gata de 17 anos, quando ouvimos no escuro uma mulher sussurrando na mesa ao lado: "Que nojo esse Nelson Motta, com uma garota que podia ser filha dele!" Joana revidou na hora: "Eu sou filha dele."

Quando morava em Nova York, notei que nos restaurantes nos olhavam esquisito quando me viam com minha filha Nina, uma linda garota de 16 anos, trocando gestos de

carinho e afeto, como sempre fizemos, bem à brasileira. Pela cultura puritana, americanos se incomodam com contatos físicos, mesmo amigos evitam beijos, abraços e gestos carinhosos, tipicamente latinos. Ficam tensos, afastam o corpo, parece que temem algum desdobraimento indesejado, ou desejado demais: Freud ensinava que onde há medo há desejo.

**Americanos se incomodam com contatos físicos, ficam tensos, afastam o corpo e evitam beijos. Freud dizia que onde há medo há desejo.**

Então, resolvemos nos divertir com aqueles perversos que nos viam, certamente com secreta inveja, como um devasso de 54 anos e uma jovem depravada. Nos beijávamos e abraçávamos nos restaurantes como se estivéssemos em casa: com amor, inocência e naturalidade, e ficávamos olhando, e rindo, dos que nos olhavam com raiva e reprovação. E no final, o golpe mortal: Nina levantava o braço, chamava o garçom e pedia a conta. E pagava com seu cartão de crédito (de minha dependente)! Era intolerável: jovem devassa ainda pagava a conta do velho tarado. E saíamos abraçados e rindo das caras revoltadas, e invejosas, dos moralistas perversos.

A cara do Brasil de hoje. ●

JOSÉ PAULO KUPFER

## De trás para a frente

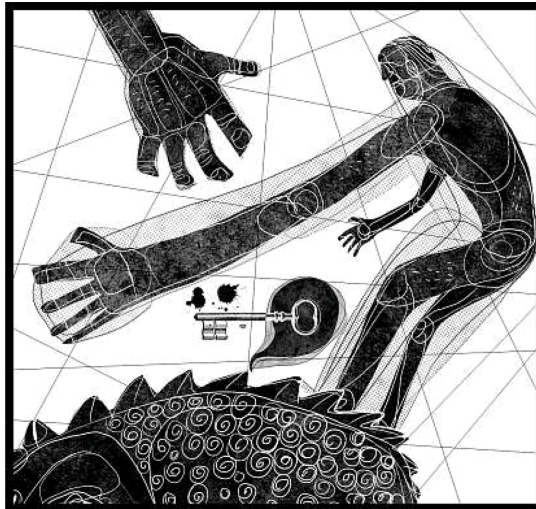
Já não há dúvida de que a economia brasileira está em recuperação, embora ainda longe de alcançar os níveis de atividade anteriores à intensa recessão iniciada no segundo trimestre de 2014. Com inflação baixa e juros descendentes estimulando o consumo, o espaço para a ocupação da vasta capacidade ociosa está, pelo menos em teoria, desobstruído. O crescimento mais firme e espalhado da economia global, impulsionando exportações e injetando recursos externos, reforça o quadro positivo que agora se apresenta.

É nesse ambiente de distensão econômica que proliferam interpretações de que a economia descolou da política, visto que a política continua projetando incertezas pelo menos até o desfecho das eleições daqui a um ano. Tais análises, infelizmente, podem estar desconsiderando efeitos em prazos menos imediatos. Em resumo, a crise política pode não impedir que a economia saia do fundo do poço, mas contribui para dificultar que a retomada tenha tração e fôlego.

A "paz" política obtida por Temer, refletida na banalidade com que está sendo acompanhado o desenrolar da segunda denúncia da PGR contra o presidente, tem consumido quantidades relevantes tanto de capital político quanto físico, com o atenuamento de reivindicações de parlamentares. Mais grave, foi imposta à custa não só da paralisação temporária de projetos reformistas no Congresso, atrasando sua aplicação e seus efeitos, mas, principalmente, aprofundando em muito as ambições originais de contenção de despesas.

Ao desviar, por força de circunstâncias políticas, o curso do programa econômico adotado na inauguração do seu governo, Temer expôs as potenciais fragilidades da emenda constitucional do teto de gastos, espinha dorsal da sua estratégia de ajuste fiscal. Estudos recentes mostram se não a inviabilidade de cumpri-lo em algum momento dos próximos dez anos, pelo menos as enormes dificuldades para evitar seu rompimento e os constrangimentos ao crescimento econômico que seriam exigidos pelo esforço de não vazá-lo.

Na "Carta de Conjuntura" deste mês, sob o título "Não vale a pena esperar até que o teto de gastos seja rompido", Luiz Schymura, diretor do Ibre/FGV, descreve simulações elaboradas pela pesquisadora Vilma Pinto com base na hipótese de aprovação de uma reforma mínima da Previdência, estabelecendo idade mínima de 65 anos para homens e 62 para mulheres, combinada com correção do salário mínimo apenas pela inflação, a partir de 2020. A conclusão do estudo é que, sem uma reforma previdenciária básica, o volume total de despesas federais, em 2025, seria 5,2 pontos percentuais do PIB maior do



**A economia não descolou da política, e os desvios no programa de ajuste para obter a 'paz' de Temer podem inviabilizar o teto de gastos**

que o fixado no teto e mesmo com ela o excedente alcançaria 3,2 pontos do PIB (<http://bit.ly/21zuHaC>).

Fica cada vez mais claro, diante dessa perspectiva, que o programa de ajuste fiscal do governo Temer começou de trás para a frente. Qual o sentido de começar com um teto de gastos inscrito na Constituição e só depois suar a camisa para aprovar reformas em despesas rígidas, caso destacado da Previdência, que impedissem a compressão insustentável de gastos mais flexíveis, como custeio da máquina e, sobretudo, investimentos públicos — estes cruciais para um crescimento econômico sustentável? Por que correr o risco de descumprir a regra

constitucional e promover um *shutdown* no serviço público?

A resposta — segundo o bem conhecido economista Dani Rodrik, de Harvard, em conjunto com o colega brasileiro Filipe Campante, também de Harvard, num artigo de junho, reproduzido pelo jornal "Valor" e intitulado "O momento argentino do Brasil" — é a de que essa foi a forma "desesperada" escolhida para conquistar credibilidade junto ao mercado, à maneira como a Argentina, em 1991, estabeleceu a medida heroica da dolarização da economia.

Para os autores, lá foi o modo de transmitir a mensagem de que a política monetária ficaria no piloto automático, enquanto aqui trair-se-ia de indicar que o ajuste fiscal e o encolchimento do governo também seriam automáticos. "Como a Argentina descobriu alguns anos depois, a legislação fiscal impositiva pode tornar-se um poderoso constrangimento para a recuperação econômica". ●

José Paulo Kupfer é jornalista

## Pequenos batalhadores, grandes heróis

GUILHERME AFFI DOMINGOS

Recentemente, a prestigiada revista inglesa "The Economist" publicou na capa a imagem de um buraco negro, em alusão à crise que pegou muitos países emergentes, inclusive o Brasil, com a seguinte frase bem no olho da tormenta: "Be afraid!" Tinha medo, literalmente. Devemos continuar temerosos ou já podemos acreditar que há uma luz no fim do túnel?

Não se pode dizer que o Brasil resistiu ao turbilhão incólume, sem ao menos sentir um frio zinho na barriga. Até porque, a crise chegou por aqui em dose dupla, economia e política num abraço de afogados. Justiça se faça: a capacidade de reação vem surpreendendo muita gente.

Sinais de recuperação surgem no horizonte, respaldados por dados que tornam possível acreditar na retomada do crescimento. Exemplo: de janeiro a agosto, 327 mil vagas formais foram criadas por pequenos empreendedores, como informa o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho.

Em bom português: os donos dos pequenos negócios estão reagindo, confirmando a minha aposta neste segmento. Não precisamos conti-

nuar tão temerosos. *Do not be afraid!* Mas seu protagonismo exige mais do que boas intenções dos agentes públicos. Agora, é necessário, vital até, desburocratizar e ampliar o crédito. E se primeiros sinais de recuperação aparecem nas vagas formais de trabalho geradas por pequenos negócios, é para estes que o governo deve direcionar suas melhores iniciativas e ações.

**Os donos dos pequenos negócios estão reagindo, confirmando a minha aposta neste segmento. Não precisamos continuar tão temerosos**

Desburocratizar procedimentos de forma geral, para minar essa doença que se espalhou como praga na administração pública. E desobstruir os canais para que o crédito — aquele bom e bem orientado — se torne viável para o setor.

Nossas micro e pequenas empresas representam 98,5% do total de empreendedores do país, gerando mais da metade dos empregos e representando mais de 27% do PIB. Entretanto, pasme-se, mais de 80% dos donos de pequenos negócios não têm qualquer acesso a crédito.

Para corrigir essa injustiça, o Sebrae está trabalhando junto ao BNDES no sentido de estender suas linhas de crédito a empreendedores de perfil mais modesto. Além disso, mantém, há 22 anos, o Fundo de Aval, o Fampe, no qual o Sebrae entra como avalista na operação, em parceria com a instituição financeira. Em breve, o Portal do Empreendedor trará novidades sobre direitos e deveres, projetos e orientações para quem busca a formalização. São iniciativas assim que precisam ser multiplicadas e facilitadas para fortalecer cada vez mais o empreendedorismo no Brasil.

A propósito, este mês o Sebrae completa 45 anos, e no último dia 5 comemorou-se o Dia Nacional da Micro e Pequena Empresa. Mas a data não pode ficar no plano da mera efeméride. É costume dizer que o povo brasileiro é carente de heróis, reflexo da singular formação política do nosso país. Entretanto, ao olharmos o pequeno empreendedor no seu dia a dia, tendo que superar obstáculos em meio a condições tão adversas, é difícil não associar a sua figura a de um herói batalhador. Anônimo, mas herói.

Fica a sugestão. ●

Guilherme Affi Domingos é presidente nacional do Sebrae

PAULO NOGUEIRA BATISTA JR.

## Se Deus não existe...

O leitor me permite divagar um pouco pelas minhas leituras de juventude? Tenho enfrentado problemas difíceis no trabalho, sobre os quais falarei oportunamente, e preciso de uma válvula de escape. Querida falar, hoje, um pouco de Kant — um autor com quem não tenho nenhuma afinidade, mas que sempre me interessou.

Kant — espírito não artístico por excelência — teria dito certa vez: "Se a verdade os mata, deixe-os morrer." (A frase, na verdade, é de Ayn Rand, parafraseando Kant). Frase radical e impiedosa, parente do radicalismo que levou a Robespierre, Saint-Just e ao Terror. Kant era admirador de Rousseau e seguiu com vivo interesse e, que eu saiba, algum entusiasmo os primeiros movimentos da Revolução Francesa — para depois se assustar com o Terror.

Mas o importante na ideia de Kant não é o traço de intolerância autoritária, mas o que ela revela sobre o seu temperamento — o seu lado radicalmente científico ou racional. A verdade acima de tudo, custo o que custar — até a vida! A vida dos que não podem suportá-la vale menos do que a Verdade — e aqui sente-se a necessidade de capitalizar o substantivo, como se faz obrigatoriamente em alemão. *Wahrheit über alles* (A Verdade acima de tudo).

**A verdade, não raro, conflita com a vontade de viver**

Admirável coragem! Ao mesmo tempo, quanto empobrecimento e emburtecimento da vida. A vida pode, em sua consciência, dispensar os véus protetores da fé, da confiança, das convicções, da maquiagem, da arte e — por que não dizê-lo? — da mentira pura e simples? A verdade não raro conflita com a vontade de viver. Pode ameaçar a vida — ou pelo menos esvaziá-la de qualquer sentido.

Nietzsche, em certas fases da sua vida, pautava-se, ao contrário, pela percepção e sentimento de que o homem precisa das suas ilusões para viver. (Um filme recente de Woody Allen, "Magia ao luar", mostra isso lindamente: a personagem principal até cita essa ideia de Nietzsche).

Nietzsche, um pensador antipoda a Kant — filósofo e artista, talvez mais artista do que filósofo. Com esse autor, sim, sempre tive afinidade — desde os meus 17 anos até hoje.

Repare, leitor, entretanto, que a máxima de Kant é tão irrealista que nem ele próprio conseguiu se ater a ela rigorosamente. Ao fim e ao cabo, procurou um refúgio no que ele chamou de "Razão prática" — por oposição à "Razão pura". A segunda levou a apostrias perigosas. De frente com a percepção de que as verdades da "Razão pura" — ou as suas indeterminações — colocavam em dúvida as bases da moral, da ética e, em última análise, a ordem social, Kant construiu todo um castelo de areia, extremamente precário, a "Crítica da razão prática", que mereceu a cantilante sátira de Schopenhauer. (Ainda me lembro de, com 18 ou 19 anos, ler a crítica de Schopenhauer a "Crítica da razão prática" e me emocionar com a coragem e beleza do ataque).

Dostoiévski, mais realista, mais impiedoso do que Kant, concluiu: "Se Deus não existe, tudo é permitido". Antecipando essa conclusão desordeira, Kant buscou a curiosa inversão de raciocínio na base da "Crítica da razão prática": como tudo não pode ser permitido, Deus existe. A lei moral, supostamente inquestionável, passaria a ser o fundamento para a existência de Deus, incerta à luz da "Razão pura".

A tentativa não fez escola. ●

Paulo Nogueira Batista Jr. é vice-presidente do Novo Banco de Desenvolvimento, sediado em Xangai, mas expressa seus pontos de vista em caráter pessoal. paulonbj@hotmail.com @paulonbj